

“Novo processo de crescimento”

A retomada dos investimentos produtivos no Brasil, diante de um quadro ainda incerto de contenção do déficit público e da aceleração inflacionária, depende da participação do capital estrangeiro, dada a restrição da capacidade de poupança interna da economia nacional. Essa é a opinião do presidente da Bolsa de Valores do Rio, Sérgio Barcellos, que participou, na sexta-feira, em Nova York, do “work-shop” sobre conversão de dívida.

No seu entender, a conversão de dívida em capital de risco pode permitir a retomada do processo de crescimento do País. “O desenvolvimento através de empréstimos externos cede lugar a um outro processo de desenvolvimento que transforma o credor em sócio nos projetos de expansão das empresas”, disse Barcellos. A conversão, segundo ele, não é uma solução para o problema da dívida externa, mas pode ser decisiva na viabilização da capacidade de pagamento a longo prazo do País, na medida em que pode contribuir para estimular o investimento produtivo, logo a retomada do crescimento econômico.

Barcellos chamou atenção para o fato de que o atual esquema de conversão adotado pelo governo brasileiro — Resolução nº 1.460 do BC — não está limitado aos juros da dívida, incluindo também o princi-

pal. A dívida do setor público será convertida em investimentos junto a entidades do próprio setor público.

O sistema de leilões em bolsas de valores para conversão de dívidas em investimento, com deságio, é aplicado a toda dívida privada vencida e mais aquelas cujos valores foram depositados no BC. Para Barcellos, esse sistema é interessante, pois permite a utilização dos mecanismos de mercado para a determinação do desconto a ser apropriado pelo governo.

“A conversão de dívida em investimento, ao incluir os fundos de ações, constitui um passo a mais para a internacionalização do mercado de capitais brasileiro e amplia a base do mercado acionário”, disse Barcellos, acrescentando que são negociados, hoje, em todas as bolsas de valores do País, valores mobiliários de cerca de 650 empresas, com um valor de mercado superior a US\$ 20 bilhões.

Para o presidente da Bolsa de Valores do Rio, o Brasil dos anos 80 deve ser entendido no contexto do segundo choque do petróleo (1979) e da crise no mercado internacional de crédito (1982). Ao longo dos anos 70, a modernização do parque industrial brasileiro foi possível graças à fácil obtenção de créditos externos a taxas de juro normais. Entre 1979/82, a brutal ele-

vação dos juros internacionais duplicou a dívida externa do País. Até 1982, a média de investimentos diretos líquidos foi de US\$ 1,5 bilhão anuais. Entre 1983/85, esses investimentos caíram para US\$ 929 milhões e, em 1986, registrou-se um desinvestimento externo. A partir de 1984, aumentou o número de repatriações, chegando a US\$ 640 milhões em 1986. Nesse período, houve que-

da das reservas internacionais.

“O Brasil é um dos poucos países devedores que podem pagar o serviço da dívida externa e ao mesmo tempo manter o nível de pleno emprego doméstico, desde que acordos de reescalonamento apropriados estendam o prazo de pagamento do principal, uma prática hoje amplamente aceita por bancos comerciais.”